

Resenha: Rezende, Lucas Pereira, 2015. *Sobe e Desce – explicando a cooperação em defesa na América do Sul*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Rev. Bra. Est. Def. v. 4, n° 1, jan./jun. 2017, p. 263-265  
DOI: 10.26792/RBED.v4n1.2017.72557  
ISSN 2358-3932

---

ALEXANDRE DE OLIVEIRA MARTINS

## O PESO DA UNIPOLARIDADE REGIONAL BRASILEIRA PARA A COOPERAÇÃO SUL-AMERICANA

O prefácio de Celso Amorim e a menção honrosa da edição de 2014 do Concurso de Teses e Dissertações sobre a Defesa Nacional, do Ministério da Defesa do Brasil, são credenciais que atestam a importância e a imprescindibilidade da obra de Rezende, uma adaptação de sua tese (UFRGS) para o formato de livro, lançado pela editora da UnB, em 2015. Além da introdução e conclusão, o livro se apresenta dividido em cinco capítulos que progridem à semelhança de uma técnica dedutiva: as três primeiras partes formulam o problema – cooperação em defesa na América do Sul – e estabelecem a hipótese teórica privilegiada – realista ofensiva – entre as várias descritas; o quarto capítulo estrutura-se como verificação da hipótese e, além de analisar as polaridades global e sul-americana, ilustra, por meio de abundantes gráficos, indicadores de poder militar da América do Sul; a quinta divisão constitui-se na particularização da hipótese cooperativa no caso sul-americano, também com apresentação de preciosas tabelas. Compreendendo o caráter hiperônimo presente em *cooperação*, *cooperação em segurança* e *cooperação em defesa*, Rezende segue dois percursos paralelos que ao fim do livro se entrelaçam. No primeiro itinerário, o autor, a partir de tese do coronel indiano Muthanna, diferencia a abrangência da cooperação em segurança, que poderia envolver civis e militares, da especificidade da cooperação em defesa, formada exclusivamente por ministérios de defesa e forças armadas dos países envolvidos. Descreve, mas descarta para seu argumento central a utilidade do conceito de *nova diplomacia de defesa*, que não seria nem se proporia a ser uma teoria, senão um modelo explicativo desenvolvido para descrever o tipo de relacionamento entre os Estados Unidos e seus aliados no pós-Guerra Fria. Na sequência, detalha o que

seria cooperação à luz das teorias de Relações Internacionais, chamando a atenção para a mudança de foco ocorrida com o fim do conflito bipolar entre capitalistas e comunistas. Embora reconhecendo vários pontos de similitude entre os postulados da Escola de Copenhague e o realismo ofensivo de Mearsheimer, Rezende opta pela combinação do último com a tese da unipolaridade estadunidense no pós-Guerra Fria (Wohlforth) para propor uma nova abordagem teórica, essencialmente sustentada na ideia de que a cooperação sob a unipolaridade aumentaria a posição relativa dos Estados participantes tanto frente aos demais Estados quanto frente à potência unipolar, sem, contudo, aumentar as pressões do dilema da segurança. O autor considera cinco variáveis fundamentais nesse modelo de cooperação: 1) a distribuição de recursos entre as unidades do sistema; 2) o tipo de cooperação; 3) o efeito da cooperação na capacidade estatal; 4) o desenho das instituições geradas; e 5) a emulação de casos bem-sucedidos. O segundo percurso analítico do livro inicia-se justamente com a verificação dessas variáveis na América do Sul. Após reafirmar a unipolaridade dos Estados Unidos e tendo em vista que o eixo central de sua teoria são as condicionantes dadas pela polaridade, Rezende apresenta e analisa a balança de poder na América do Sul a partir dos seguintes dados: tamanho da população; produto interno bruto; *correlates of war*; gastos em defesa; percentual do PIB gasto em defesa; total de efetivos nas forças armadas; total de efetivos nos exércitos; total dos efetivos nas marinhas; total dos efetivos das forças aéreas; veículos blindados; peças de artilharia; submarinos; embarcações de guerra; aviões de combate; e *ranking* de força militar GFP. Com base nesses indicadores, o autor localiza a América do Sul num momento de transição entre uma multipolaridade desequilibrada e uma unipolaridade (brasileira), de modo que a primeira poderia ser sustentada por indicadores militares específicos, enquanto a segunda teria lastro na metodologia apresentada por Wohlforth, o que justamente demonstraria o sobe e desce do título do livro: a cooperação subiria quando a desconfiança com o Brasil diminuísse – momento que coincidiria com o Brasil exercendo seu papel de unipolo por suas ações multilaterais e de provedor do bem comum regional em defesa; e a cooperação desceria quando o Brasil passasse a ser visto como uma ameaça regional imperialista, distanciando-se dos vizinhos e enfraquecendo seu investimento nos bens comuns ligados à cooperação em defesa. O primeiro percurso que estrutura o livro entrelaça-se com o segundo no quinto capítulo, ocasião em que o autor mostra tanto o histórico de cooperação bilateral ou multilateral em defesa entre os países latino-americanos quanto os novos alinhamentos regionais, como a Unasul e seu Conselho de Defesa. Por argumentar que a cooperação em defesa seria estável em ambientes unipolares, uma vez que traria elementos de estabilidade das

balanças de poder regionais pelo próprio papel continuamente exercido pela potência unipolar global, para o autor, o cenário futuro promissor para a cooperação sul-americana poderia ser um de reafirmação da unipolaridade brasileira. O elemento mais forte da tese de Rezende, ou seja, o fato de a unipolaridade global favorecer a cooperação em defesa em regiões onde igualmente um ator unipolar se destacasse, parece igualmente ser seu ponto mais frágil na medida em que, além de debilitar o possível caráter autônomo de dinâmicas regionais, cujo único determinante em sua teoria é a configuração da polaridade, também não parece levar em consideração o fato de que percepções de ameaças comuns poderiam impelir Estados rumo à cooperação em defesa mais do que o cálculo racional de ganhos relativos. No argumento do autor, haveria cooperações outorgadas e outorgáveis, quando é possível que todas elas – mesmo suas tentativas – sejam, na massa de poder desproporcional representada pela unipolaridade, sugadas por um campo gravitacional único tão forte do qual nem sequer arranjos cooperativos mais simples poderiam escapar.

Palavras-chave: Cooperação em defesa; América do Sul; unipolaridade.